

Y
O
L F
A R
N E
D I
A T
A S

B © A
N O I T E
B E R N A R D ©



Na aldeia do arco-íris, existia uma rua muito engraçada.

Era a Rua das Cores e todas as casas, em vez de terem números, tinham nomes: Casa Amarela, Casa Laranja, Casa Vermelha, etc...

Mas encontrar a casa certa dava algum trabalho... É que a Casa Amarela era cor-de-rosa, a Casa Azul era laranja, e por aí adiante. Ou seja, nenhuma casa tinha o nome da cor com que tinha sido pintada. Que confusão.

Quando o Bernardo queria dizer a algum amigo onde morava, tinha sempre que explicar muito bem: Moro na Casa Azul que é laranja, mesmo ao lado da Casa Vermelha que é lilás...

Algumas pessoas que moravam naquela rua achavam essa coisa das cores muito complicada, mas o Bernardo até achava graça e fartava-se de rir quando via o carteiro deitar as mãos à cabeça sem saber onde entregar as cartas.



O Bernardo estava sempre a sorrir.

Tinha olhos grandes como a lua cheia e uma carinha rechonchuda abraçada por muitos anéis de cabelos castanhos. Ele gostava de ir à escola, mas gostava muito mais de jogar basquete com os outros meninos.

Ao fundo da rua, onde quase não passavam carros, havia um cesto pregado num muro alto. Um caco de tijolo, ou um pau de giz da escola esquecido num bolso, era quanto bastava para marcar o campo, e começar o jogo.

Às vezes iam pedir ao Sr. Aristides que fosse assistir, para fazer de árbitro. O Sr. Aristides era o avô do João e já estava reformado. Por isso passava o tempo todo a dormir ao sol, na varanda da Casa Lilás (que por acaso era amarela).

— Ó Senhor Aristides, vai uma partidinha?...

— Perguntava o Bernardo, de pescocito esticado, para a varanda do João.

O Sr. Aristides nunca respondia à primeira. Gostava de fazer de conta que não ouvia, para os juntar a todos debaixo da varanda. E, como eles já sabiam, lá se iam juntando, e depois em coro, chamavam por ele:

— Ó Sr. Aristiiiiides.... Acorde! Venha cá para baixo...



Ele abria um olho devagarinho e espreitava. Se não estivessem lá todos, tornava a fechá-lo. E esperava mais um bocadinho, para os tornar a ouvir:

— Ó Sr. ARISTIIIIIIIIIDES...

“...O Bernardo ficou a pensar um bocadinho. Agora já entendia porque é que a gente crescida falava tantas vezes sozinha. Deviam estar a falar com os amigos especiais...”

